

Ação social exige crescimento do PIB

O economista Nelson Barbosa, ministro nomeado para o Ministério do Planejamento, apontou ontem a saída da estagnação para garantir a permanência das políticas como principal missão da nova equipe econômica. "A continuidade da inclusão social depende da estabilidade, do controle da inflação e do equilíbrio fiscal. Não acho que essas coisas sejam contraditórias", afirmou, durante a aguardada apresentação dos responsáveis pelo novo rumo da economia no segundo mandato da presidente Dilma Rousseff. Ele destacou em seu discurso que o maior desafio que terá à frente da pasta será "contribuir com os demais ministros para a melhoria da qualidade de vida do cidadão".

O posicionamento de Barbosa foi bem recebido pelos especialistas, mesmo os críticos da atual política econômica, uma vez que indica que a nova equipe está coesa e sabe o que é preciso ser feito para recolocar o país nos trilhos do crescimento. "Ele mostrou entendimento de que a questão da inclusão social não é resultado só de boa articulação de programas sociais, mas depende da boa atuação na política macroeconômica", explicou a economista Monica Baumgarten de Bolle, diretora da

“

A continuidade da inclusão social depende da estabilidade, do controle da inflação e do equilíbrio fiscal. Não acho que essas coisas sejam contraditórias"

**Nelson Barbosa,
ministro da Fazenda
nomeado**

consultoria Galantó/MBB, baseada em Washington.

Em 2013, Barbosa deixou a secretaria executiva da Fazenda por não concordar com o excesso de artimanhas contábeis nas contas públicas, o que fez com que ganhasse o respeito dos ortodoxos. O economista fluminense fez parte do governo petista desde



2003, acompanhando o ministro Guido Mantega no Planejamento e na Fazenda, participando da formulação de vários programas, como o Minha Casa, Minha Vida.

Heterodoxo como Dilma, mas não tão radical, Barbosa volta ao governo num ministério que hoje tem pouco prestígio graças ao perfil apagado de

sua titular e dos comandados dela. Ele será o responsável pela adequação da proposta orçamentária de 2015 e uma de suas principais missões será recuperar o prestígio da pasta, na avaliação de especialistas. "De modo geral, Barbosa sempre se mostrou um técnico mais voltado para questões de médio

prazo. Foi, então, uma boa escolha", disse a economista.

Na avaliação do economista Raul Velloso, especializado em contas públicas, a nova equipe sob o comando de Joaquim Levy (Fazenda) marcará pontos a favor de Dilma, caso exista autonomia para seguir uma trilha mais ortodoxa. "Isso vai ajudar a desarmar as críticas da oposição porque Levy e Barbosa farão o que ela prometia durante a campanha", observou. No entanto, ele lembrou que a presidente poderá ter problemas para unir a base aliada. "O quadro político vai mudar e ela pode ter mais oposição dentro do governo do que fora."

O economista-chefe para mercados emergentes da consultoria britânica Capital Economics, Neil Shearing, está otimista com a nova equipe. A seu ver, foi um passo na direção certa. Mas faz ressalvas. "Precisamos ver as políticas. O desafio é enorme. A política fiscal terá de ser apertada e os preços administrados precisarão subir. Serão necessárias reformas estruturais para aumentar a poupança interna, estimular o investimento e a produtividade num contexto de economia extremamente fraca", finalizou. (RH, SK, BN e AT)